



## **Arte de Rua nas Ruas de Natal<sup>1</sup>**

Maria Stella Galvão Santos<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Por se tratar de fenômeno relativamente novo no cenário da cultura contemporânea, a literatura relacionada ao tema da arte de rua, Grafite ou Graffiti (termo original que se consagrou mundialmente, inclusive no Brasil), ainda é escassa. Inicialmente nos deteremos na identificação dos estudos acadêmicos que tratam das implicações urbanas, sociais e culturais desta forma de arte. Outro aspecto da pesquisa, por seu caráter de resgate e visibilização das produções realizadas na cidade de Natal, é o mapeamento iconográfico da arte já produzida pelas ruas da capital potiguar. Ao final do projeto, será possível viabilizar exposições em espaços públicos ou privados. Serão realizadas entrevistas com grafiteiros e membros do movimento do Hip Hop em Natal com a finalidade de caracterizar marcos históricos do movimento, identificar artistas e estilos predominantes, suas influências e trajetórias.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Grafite; Graffiti, Arte Urbana; Natal

No final dos anos 70, uma nova forma de manifestação artística surgiu nos grandes centros urbanos, trazendo novos ares para o panorama artístico internacional. Com raízes na Europa e Estados Unidos, o grafite se fez presente nas grandes cidades e passou a influenciar novas gerações, extrapolando as fronteiras nacionais e continentais. Esta pesquisa investiga as origens deste movimento, as características e a diversidade dos estilos do grafite na cidade de Natal. Trata-se de uma intervenção urbana, neste caso, que se manifesta fora dos circuitos consagrados de produção e circulação da arte. O espaço, aqui, é mesmo o público, as ruas e seus muros. Além da coleta de dados e da pesquisa bibliográfica, este trabalho buscará discutir e interferir na arte urbana, utilizando-se de espaços públicos para exibição do trabalho dos grafiteiros potiguares mapeados. Pretende-se destacar sua riqueza como forma de expressão artística e cultural

1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



e também discutir as iniciativas do poder público municipal no sentido de coibir ou incentivar essa prática.

Ao acompanhar as tendências, mapear o perfil e o estilo autoral dos grafiteiros, as escolhas estéticas e os novos suportes dessa arte de vanguarda, esta pesquisa aborda o grafite como um processo comunicacional característico de centros urbanos de médio e grande porte. Tal levantamento deve ser contextualizado no interior de um quadro mais amplo do desenvolvimento dos meios de comunicação e da produção cultural nestes locais. Uma mostra eloqüente do espaço e reconhecimento alcançado pelos artistas que colore os espaços urbanos se dá por meio da 1ª Bienal Internacional de Arte de Rua de São Paulo, prevista para acontecer o segundo semestre de 2010.

O grafite teve uma significativa expansão entre as artes de rua nas últimas duas décadas, convidando os transeuntes a um momento de reflexão, fruição estética e às vezes até a participarem de suas obras. Se expandiu por muros e paredes do mundo, invadiu museus e galerias sofisticadas da capital paulista e de várias cidades européias, transformou-se num grande museu a céu aberto, com a vantagem de se renovar espontaneamente, ao sabor da criatividade individual e coletiva de um número considerável de criadores. Infelizmente, Natal está completamente à margem desse processo de reconhecimento e validação de uma forma de arte que surgiu alternativa e assim permanece na capital potiguar. Ao contrário dos grafites de Recife e Olinda, no vizinho Pernambuco, que já são reconhecidos, citados e reproduzidos em trabalhos acadêmicos nessa área, além de blogs e sites que se dedicam a mostrar o que se produz pelo país. A despeito disso, a cidade possui uma espécie de rota confusa do grafite, que ilustra avenidas, ruas, becos e vielas nas regiões centrais, bairros e periferias. Vemos, mas não reconhecemos. Identificamos, mas não registramos.

“É importante a gente mostrar que o movimento vem se desenvolvendo, e o pessoal já consegue se sustentar, pintando lojas e exibindo os trabalhos. Algumas pessoas não entendem o que estamos fazendo, mas outras já nos apoiam.” O comentário é de Miguel Carcará, um dos grafiteiros mais conhecidos e determinados a amplificar a atividade dos artistas que atuam pelas ruas. Coordenador de Hip Hop da Central Única das Favelas

1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



(CUFA-Natal), Carcará busca maior reconhecimento dos grafiteiros locais. Todo dia 27 de março, quando se comemora nacionalmente o Dia do Grafite, a CUFA promove intervenções públicas para atrair a atenção da população e dos meios de comunicação. A última delas, em 2009, ocorreu em uma praça da cidade, quando foram expostos painéis grafitados e realizadas performances de artistas ao vivo. Organizações não governamentais como a CUFA reúnem grafiteiros para troca de experiências, debates e criação de oportunidades de trabalho. A ideia principal é inserir esta data no calendário cultural da cidade e atribuir o necessário destaque a essa importante forma de arte. Este ano, por falta de recursos antes obtidos com cotas destinados por órgãos públicos, não houve programação.

As participações no presente projeto destinam-se a debater a tônica de produções que estão disponíveis a toda a população pelas ruas da cidade. A participação dos artistas na etapa de identificação biográfica dos envolvidos nessa produção será voluntária e consentida. Os benefícios se associam claramente à visibilização que a pesquisa pretende dar a essa produção genuína local, inserindo-a no circuito nacional da produção nacional de grafite. Por outro lado, os alunos da disciplina de Estética dos cursos da Escola de Comunicação e Artes da UnP serão diretamente beneficiados com a incorporação, dentro de sua realidade geográfica e cultural, de um repertório que permeia a produção mundial em arte contemporânea. Os desdobramentos do trabalho permitirão identificar a produção da arte de rua nos muros de Natal, sua forma de inserção na cena cultural da cidade e os mecanismos de recepção/reelaboração por parte da população.

Embora extremamente atual e expressão da arte na contemporaneidade, há registros de incursões neste terreno ao longo da história da humanidade. As pinturas rupestres são os primeiros exemplos de graffiti encontrados na história da arte. Elas representam animais, caçadores e símbolos, muitos dos quais, ainda hoje, são enigmas para os arqueólogos. A respeito dessas pinturas, Lucci (1984), afirma: *“Ainda nas cavernas, o homem primitivo começou a desenvolver a atividade artística – representava nas paredes, a natureza que o cercava e cenas da vida cotidiana, por meio de desenhos de animais e árvores”*.

1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



O costume de exprimir-se graficamente é uma manifestação do sistema de comunicação social. Como tal, a representação gráfica é portadora de uma mensagem cujo significado só pode ser compreendido no contexto social em que foi formulado. A intervenção visual, através de um desenho, de uma palavra ou de uma sigla, representa um signo em diálogo com o entorno que cerca o que está inscrito na parede. No caso do desenho, a significação é dada de forma subjetiva pela sociedade. Já na tribo que faz grafiteagem, ele recebe, além da significação artística, a personificação da pessoa ou grupo que passou por ali. O graffiti integra as formas contemporâneas de comunicação social, sendo herdeiro legítimo de uma cultura visual de massa, passível de leitura e de compreensão subjetiva para quem o observa, interpreta e lhe atribui significado.

As pinturas rupestres diferem dos atuais graffitis pela questão da *intenção*, ou seja, o homem pré-histórico queria o domínio sobre algo e ao pintar ou registrar graficamente nas grutas ele tinha a idéia do aprisionamento da imagem, enquanto os graffitis são em si um ato de auto-expressão (Lara, 1996). O graffiti tem como suporte para a sua realização não somente o muro, mas a cidade como um todo. Postes, calçadas, viadutos etc. são preenchidos por imagens, muitas exaustivamente repetidas, característica herdada da pop art; A arte do graffiti pretende chamar a atenção dos passantes, transeuntes, motoristas, da população, afinal, para a realidade do aqui e do agora, na afirmação de Baudrillard (2004): “*recusar o real e de opor ao real outro cenário*”. No Brasil, o graffiti apresenta cenas imaginárias, abstraídas pelo artista, misturadas a elementos da cultura local.

A palavra *graffito* vem do italiano, inscrição ou desenhos de épocas antigas, toscamente riscados com ponta de instrumentos ou a carvão em rochas, paredes etc. *Graffiti* é o plural de *graffito*. No singular, é usada para significar a técnica (pedaço de pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos, exemplo: os *graffiti* dos Gêmeos, um dos expoentes nacionais e os primeiros a obterem espaço em uma galeria de arte privada, em São Paulo, uma prática hoje muito frequente nesta que é o centro nacional de produção artística nas ruas, túneis e áreas públicas degradada. Mas, a despeito de outras grafias adotadas inclusive pelo Dicionário Aurélio (*Grafite*),

1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



predomina entre os estudiosos a grafia italiana. Para Gitahy (1999) “... *há palavras, no meu entender que devem permanecer em sua grafia original pela intensidade significativa com a qual textualizam dentro de um contexto.*” Nesta pesquisa, optaremos pela designação mais formalmente utilizada.

Há duas teorias que explicam a origem dos grafiteiros modernos e uma completa a outra. Há quem diga que o graffiti surgiu do Hip Hop, movimento cultural originário dos guetos. A outra teoria afirma que o graffiti teria surgido também em Nova York e de lá se espalhou pelo mundo. Segundo Silva (1998), “*A notoriedade do graffiti se deve a Demétrius, um jovem de origem grega que inscrevia suas tags em diferentes espaços da cidade, especialmente dentro e fora das estações do metro*”. Em 1971, o jornal *The New York Times* publicou uma entrevista com Demétrius. A matéria deu um reconhecimento oficial a essas inscrições e impulsionou o surgimento de uma legião de pessoas inscrevendo suas *tags*. Em geral, os grafiteiros firmam suas obras com a *tag* (assinatura) e os pichadores fazem da *tag* sua obra, que é complementada com referências à *crew* e/ou ao bairro de residência.

Porém, a consagração do graffiti veio com uma mostra organizada em 1981 em um dos principais espaços de vanguarda de Nova York. Posteriormente, Keith Haring e Jean Michel Basquiat, grafiteiros do metrô nova-iorquino, ficaram famosos por exporem seus trabalhos em circuitos artísticos privilegiados, como a Documenta de Kassel. Eles foram incorporados pela arte institucional e mudaram o suporte de sua arte ao virarem produto de galeria. Keith Haring tornou-se um dos artistas mais conhecidos dos anos 80 por levar o graffiti, que antes era exclusivamente das ruas, becos e guetos, para o convívio das galerias, museus e bienais. Foi considerado o mais próximo discípulo de Andy Warhol.

Assim, a rua tornou-se palco da expressão da cultura Hip Hop. Esse espaço foi reinventado pelo movimento Hip Hop e, conforme Silva (1998): *O graffiti resgatou com suas cores alegres e multicoloridas o espaço da rua como lugar de produção e reinvenção das artes plásticas [ ...]* No Brasil, a cultura Hip Hop surge no final da década de 70 e início da década de 80. Foi por meio dos bailes e das lojas específicas de

1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



musicalidade negra que o Hip Hop passou a ser conhecido pela “galera”. Pode-se dizer que a cidade de São Paulo foi precursora do movimento Hip Hop no Brasil, que posteriormente se espalhou pelas capitais, Natal incluída. Trata-se de um movimento integrado por práticas construídas e elaboradas no espaço das ruas. E, aos olhos dos jovens, não se resume a uma proposta exclusivamente estética, envolvendo a dança break, o graffiti e o rap, mas, sobretudo, a fusão desses elementos como arte engajada e espelho de uma dada realidade.

Acreditamos que esse recorte se dará por meio da identificação dos grafiteiros em atividade na cidade, traçando um perfil e um mini-histórico de cada um. A partir desse mergulho na especificidade do movimento da arte urbana em uma capital do Nordeste brasileiro, verificaremos as influências determinantes para a adoção deste ou daquele estilo, a marca e a identidade visual destes artistas que fazem da rua o seu ateliê, assim como a estética predominante em cada produção. Em paralelo, será averiguada a razão da inexistência de políticas públicas de apoio ao trabalho destes artistas na capital potiguar e evidenciadas as condições de realização de um trabalho baseado na determinação, criatividade e mobilização dos grafiteiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos externos*. Campinas: Papirus, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Os outsiders e os estabelecidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FURTADO, Janaina Rocha e ZANELLA, Andréa Vieira. *Artes visuais na cidade: relações estéticas e constituição dos sujeitos*. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, dez. 2007, vol.13, no.2, p.309-324.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.



---

GONZALVES, Fernando; ESTRELLA, Charbelly. *Comunicação, cidades e invasões artísticas*. UNIrevista, jul. 2006, vol. 1, no.3.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LARA, Arthur Hunold. *Grafite, arte urbana em Movimento*. Dissertação de Mestrado, ECA-USP, São Paulo, 1996.

LUCCCI, Elian Allabi. *História Geral*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1984.

MORIYAMA, Victor; LOPEZ, Felipe. *Estética Marginal*. São Paulo: Ed. Zupi, 2009.

PEIXOTO, Nelson Brissac (Org.). *Intervenções Urbanas: Arte e Cidade*. São Paulo: Senac, 2002.

PELBART, P. P. 2003. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2002.



**Oficina de Intervenção Urbana** – Promovida no dia 24 de abril pelo Centro Acadêmico de Design Gráfico da Universidade Potiguar UnP, Natal-RN - campus Nascimento de Castro.. A iniciativa de reunir profissionais grafiteiros, alunos e entusiastas desta forma de arte encheu de cores o pátio do campus, trazendo outra perspectiva para o olhar cotidiano das pessoas que por ali circulam. O resultado será exposto em todos os cinco campi da UnP, em uma exposição itinerante de uma modalidade de arte que começa a motivar jovens artistas na capital potiguar.



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br





1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: [stellagalvao@unp.br](mailto:stellagalvao@unp.br)



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: stellagalvao@unp.br



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: [stellagalvao@unp.br](mailto:stellagalvao@unp.br)



1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
2. Jornalista, mestre em História da Ciência (PUC-SP) e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: [stellagalvao@unp.br](mailto:stellagalvao@unp.br)